

## **Você sabe o que é estética? O Belo, a arte e a antropologia. O início da disciplina estética<sup>1</sup>**

Rodolfo Ward<sup>2</sup>

O início do nosso pensamento sobre o belo e a estética tem como época as mitológicas gregas, em que imperava o pensamento matemático e geométrico refletido em toda as esferas sociais. É importante trazeremos esses elementos para entendermos a origem do pensamento ocidental, hegemônico, em relação ao estudo do belo e em um segundo momento a origem da disciplina estética no âmbito acadêmico.

Tatarkiewicz (2001) articula o desenvolvimento do conceito de arte desde a época da Grécia antiga até os dias atuais. Àquela época, a palavra arte tinha um significado muito mais amplo e era utilizada de forma coloquial para todos os tipos de fazer, de produção. As palavras músico, poeta, arquiteto não se faziam necessárias naquele contexto histórico. Os gregos não utilizavam as denominações artes visuais, música, poesia, arquitetura como nos dias atuais porque não necessitavam desses conceitos, pois a divisão do trabalho artístico era diferente e muitas vezes coletiva, como a música e a dança, uma vez que um único nome representaria essa união.

Para os gregos, a palavra arte era entendida como toda forma de produção com destreza, ou seja, toda a práxis era arte. Um carpinteiro, escultor, pintor eram considerados artistas pois produziam com destreza. As divisões também se davam em razão do esforço físico utilizado na produção da obra: se havia esforço físico, era considerada arte inferior; se não havia, era considerada arte superior. Escultores estavam no mesmo patamar de carpinteiros, pois ambos produziam determinado produto artístico e faziam esforço físico; em contrapartida, o músico era considerado superior, pois utilizava apenas seu intelecto para realizar sua arte. Apresentaremos breves e sintéticas definições

---

<sup>1</sup> Este texto é parte do artigo *Art and Anthropology of Technique and Science* publicado no HUB Eventos 2020: VII SIIMI, #19,ART, DAT e 6º Retina. Anais do VII Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas (19º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia; 2º Seminário Design, Art and Technology Journal; 2º Encontro Internacional do Grupo Retina.Internacional SP. VENTURELLI, Suzete; PRADO, Gilberto, FERREIRA, Antenor Correa; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia, São Paulo: Media Lab / BR, PUC-SP, 2020. (on-line). ISSN 2358-0488.

<sup>2</sup> Programador Visual da UnB. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - UnB (2019). Pós-Graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-Graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - IPOL/UnB (2018).

sobre o belo no decorrer da história acadêmica ocidental. Iniciando pelo complexo pensamento de Platão a respeito do belo.

Para Platão (340 a.C.) o belo é o ideal da perfeição só podendo ser contemplado em sua essência por meio de um processo de evolução filosófica e cognitiva do indivíduo por meio da razão que lhe proporcionaria conhecer a verdade harmônica do cosmo. Este processo proporcionaria a superação das ilusões e aparências sensoriais do mundo, revelando sua verdadeira essência, essa essência de certa forma, divina, está além de formas físicas e experiências empíricas. Por isso a arte para Platão é uma distração da verdadeira essência das coisas. Para o filósofo a arte é a reprodução do mundo, que por sua vez, é a representação de ideias no mundo manifesto e por isso a arte distanciamente da realidade e conseqüentemente do Belo. O filósofo reconhece que a arte possui valor em si mesma, por isso, cria confusão com o objeto real e deturpa a essência do belo. Essa conceituação de Platão tem forte ligação com conceito de real, pois não permite mediações de nenhum tipo. A arte, para ele, está ligada a emoções e sentimentos que distorcem e influenciam as pessoas. “Nesse sentido o caminho do filósofo é o caminho para a realidade e a verdade.” (GREUEL, p. 148, 1994). Para Platão o artista deveria se submeter ao filósofo. Platão é extremamente “bairrista” em relação à filosofia como podemos perceber no diálogo entre Sócrates e Glauco, no livro 10, da obra A República. Nesta obra, Platão fala de três graus em relação à natureza das coisas, a ideia, os objetos em geral e a imagem destes objetos, e, já adianta em alguns séculos as discussões que ainda hoje permeiam os debates acadêmicos sobre visualidade, realidade e representatividade.

Aristóteles, pupilo de Platão refuta o pensamento platônico e segundo o professor e pesquisador Clóvis de Barros (2010) em sua aula “A Beleza e a Arte”, para Aristóteles “o mundo é belo quando na sua simples contemplação enseja a quem o contempla um instante de vida que vale por ele mesmo, um instante eudaimônico<sup>3</sup>”. O belo para Aristóteles também estaria ligado à natureza, entretanto, diferentemente do pensamento de Platão, a arte, a criação humana, assume protagonismo na concepção do belo uma vez que é o homem que define o que é belo, ou seja, existe um filtro humano tanto do artista quanto do observador. Aristóteles reconhece que a tendência para imitação é

---

<sup>3</sup> “(...) eudaimonia, enquanto estado subjetivo, envolve os sentimentos que ocorrem quando a pessoa se move em direção à autorrealização, para que possa desenvolver as suas potencialidades e conferir propósito à sua vida (Delle Fave, Wissing, Brdar, Vella-Broderick, &Freire, 2013; Waterman, Schwartz, & Conti, 2008 APUD FREIRE, Teresa et al.).

instintiva no homem desde a infância e que esta aptidão é uma das características que o difere de outros seres vivos. Para o autor é pela imitação que adquirimos nossos primeiros conhecimentos e experimentamos prazer. O filósofo em sua obra “Poética” cita pintores e poetas que utilizavam sua criação artística para potencializar ações humanas, ou seja, para o autor a arte poderia, ainda, complementar o que falta na natureza, por meio da poética. Podemos entender que para Aristóteles o belo não é ligado a conceitos de real. O artista teria a liberdade para criar realidades e dar sentido para um mundo que não tem sentido. A obra de arte teria também um papel histórico e didático na evolução humana.

Em um breve salto temporal, iremos direto para à época em que a disciplina estética é designada como disciplina acadêmica para estudar o belo, a filosofia e a arte. O conceito de arte moderna só veio a ser amplamente discutido e objetivado na Europa durante a Idade Média, quando surgiu a classificação das belas-artes.

La tradición del concepto griego de «techne» se mantuvo durante mucho tiempo. Durante la Edad Media «ars» no significó otra cosa. Con el paso del tiempo, surgieron las (bellas artes) clasificándose, sin embargo, por separado y ocupando, en tiempos modernos, un lugar importante entre las artes, hasta que finalmente se apoderaron: absolutamente del término «artes». (Tatarkiewicz, 2001, p.101)

A partir da Idade Média, disciplinam-se as matérias da arte e possibilitam-se estudos mais detalhados e profundos de cada modalidade artística, dando margem a um maior desenvolvimento individual dos artistas e das modalidades bem como movimentos artísticos. Poderíamos citar inúmeros pensadores como Santo Agostinho, Baruch de Espinoza que refletiram filosoficamente sobre o belo e contribuíram para a fundamentação do que viria a ser a disciplina estética no campo da arte que seria estabelecida pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten.

O filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762), fundamenta a filosofia do belo na arte e avança na discussão de tópicos como arte e beleza estabelecendo a estética<sup>4</sup> como disciplina em um campo distinto da investigação filosófica. A ênfase

---

<sup>4</sup> “Estética a um termo que começou a ser usado desde Baumgarten (1750) para designar uma disciplina que se ocupa da arte e do belo. Essa designação tem a sua origem na palavra grega "aesthesis" que significa percepção. A reflexão sobre a arte na modernidade relaciona o belo com a percepção sensorial.” (GREUEL, 1994).

característica da sua abordagem estava na importância do sentimento no ato criativo do artista. Ele queria modificar “a afirmação tradicional de que “a arte imita a natureza”, afirmando que os artistas devem alterar deliberadamente a natureza, adicionando elementos de sentimento à realidade percebida. Dessa forma, o processo criativo do mundo se reflete em sua própria atividade.”<sup>5</sup> O belo é uma materialização de sentimentos e ideias puras através de obras de arte.

Outro pesquisador que se debruçou sobre o estudo da estética, Immanuel Kant (1724-1804), utilizou a Metafísica de Baumgarten (1739) como texto para palestras. Tomou emprestado o termo estética de Baumgarten, mas o aplicou a todo o campo da experiência sensorial. Só mais tarde o termo se restringiu à discussão da beleza e da natureza das belas-artes. Para o autor o belo é um dado objetivo presente nos próprios objetos e agrada universalmente a todos sem depender de um interesse ou um conceito. O belo nasce de um sentimento humano de prazer universal e da capacidade humana de julgar essa informação nos objetos em uma espécie de jogo entre imaginação e o entendimento que promoveriam a manifestação do belo por meio de sensações, sentimentos de prazer no sujeito. Nesse período e no que se seguiu, a estética kantiana e a razão cartesiana foram as protagonistas do fazer artístico e da percepção do que é arte.

Em um salto temporal, já no início do século XX, o antropólogo francês, Leroy-Gourhan<sup>6</sup> (2002) em seu livro “O Gesto e a Palavra 2 - Memórias e Ritmos”, mais precisamente no capítulo XI, “Os fundamentos corporais dos valores e dos ritmos” explica os diversos componentes dos equipamentos sensoriais dos mamíferos que juntos formam um “maravilhoso” aparelho de transformação de sensações em símbolos, e que, “tudo no homem é assimilável às diligências do pensamento esteticamente construtivo”. O autor afirma que a estética se baseia na consciência do homem, na sua capacidade de formar juízo de valor sobre as formas e sobre os movimentos, ou, sobre os valores e sobre os ritmos, sendo necessário entender as fontes que ele irá beber para criar sua percepção do movimento e das formas. O homem, com exclusão da sua integração intelectual e mobilização da consciência possui sua máquina animal idêntica aos outros

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Alexander-Gottlieb-Baumgarten>> Acesso: 02/10/2020.

<sup>6</sup> O antropólogo francês, André Leroy-Gourhan dá continuidade a famosa tríade epistemológica de “montagens psico-físio-sociológicas de séries de atos” de seu orientador, Marcel Mauss, “articulado de maneira original à dimensão estética, então inédita” se tornando o pai da “Antropologia Técnica ou Antropologia das Técnicas” (Garrabé, 2012, p. 67).

mamíferos se sujeitando ao “movimento da digestão”, comendo a horas fixas, “acompanhando a multidão, e tal como um carneiro, o ritmo do passo coletivo” (LEROY-GOURHAN, 2002, p. 85).

Ainda para o autor, uma das características que difere o ser humano dos outros mamíferos é a conexão da sua vida mental a aparelhagem simbolizante que o permite viver a vida sensitiva em toda sua dimensão. Esse sistema humano de referências sensoriais que possibilita a análise estética comporta a ação como o retorno da reflexão. Contudo, o autor diz que é necessário refletir sobre uma segunda linha de pensamento que questiona se o pensamento estético não se interrompe precisamente onde começam os comportamentos “naturais”, e, além disso, mesmo que o pensamento possa efetivamente assegurar certa consciência do vivido, o equipamento sensorial também atua a um nível infra-simbólico, como o caso do gosto, o qual não se consegue dar a imagem e só pode ser reconstituído por si só. Para o autor o comportamento estético não está confinado à criação da obra de arte, entretanto, “A criação figurativa é o principal elemento da libertação individual, enquanto que o comportamento técnico ou social é vivido de acordo com normas coletivas que implicam uma execução uniforme”.

Leroy Gourhan (2002) diz que o comportamento dos animais sob o ponto de vista sensorial pode ser definido por três aspectos: o comportamento nutritivo, o da afetividade física e o da integração espacial. O comportamento nutritivo assegura o funcionamento corporal através do tratamento das matérias assimiláveis pelo organismo, tendo por motor os ritmos viscerais e por agentes de percepção como o olfato, a degustação e o tato. O comportamento da afetividade física assegura a sobrevivência genética das espécies e equilibra-se entre a percepção do jogo muscular e o tato, a olfação e a visão. O comportamento da integração espacial torna possível os dois primeiros, no caso do homem a visão é o sentido dominante, pois junto com os órgãos do equilíbrio contribui para percepção do corpo no espaço. Estes aspectos correspondem a três níveis de referência dos indivíduos entre si e com o meio, entretanto, não é possível “conceber nenhum dos três níveis de relação com o meio externo sem a associação de certa criticidade corporal e de um dispositivo de referência” que criam as percepções afetivas, de mobilidade e forma.

Leroy-Gohan (2020) afirma que o ritmo está ligado ao tempo e ao espaço exterior. Às alternâncias no meio ambiente como as sazonais mudanças meteorológicas, o dia e a noite, e as cadências fisiológicas como o sono e a vigília, a digestão e a fome que

resultam no verdadeiro condicionamento a nível das operações cotidianas, “mas que apenas intervém no comportamento humano estético na medida em que este tem por instrumento o corpo humano” (Leroy-Gohan, 2002, p. 88). Contudo, em contrapartida a isso o autor diz que a ruptura do equilíbrio rítmico, a quebra da rotina do aparelho fisiológico, desempenha um papel importante para a excitação psíquica necessária em rituais, nas danças, manifestações sonoras e outras atividades “carregadas de um elevado potencial sobrenatural”. Um tempo espaço desmistificado. Os ritmos técnicos não possuem a imaginação humana, não humaniza comportamentos, mas apenas a matéria bruta. Os indivíduos estão impregnados, condicionados por uma ritmicidade que já atinge um estado de maquinação quase total mais que a humanização (LEROY-GOURHAN, 2002, p.89).

Para o autor o organismo social regido pela cultura moderna passou por um processo de racionalização que separou os domínios da religião dos domínios da estética colocando o indivíduo numa “situação favorável ao bom funcionamento do dispositivo sócio-técnico. Sendo que, a sociedade domina os indivíduos através do condicionamento rítmico, uma espécie de “acertar o passo”, a uniformização rítmica, a incorporação dos indivíduos numa multidão condicionada em busca de uma “uniformidade política”, criando o comportamento das multidões que avançam (como um só homem)”.

Após essa breve contextualização transdisciplinar sobre o início dos estudos acadêmicos que separaram a disciplina estética da arte da estética da filosofia e uma introdução sobre o pensamento da estética na antropologia propomos para futuras pesquisas aprofundar o conhecimento em com a estética influência a sociedade em redes.

## Referências

BARROS, Clóvis. **Aula 8 – A Beleza e a Arte** – Clóvis de Barros (2010). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nmGr\\_2KwylI](https://www.youtube.com/watch?v=nmGr_2KwylI)

FREIRE, Teresa et al. Felicidade Hedónica e Eudaimónica: Um estudo com adolescentes portugueses. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 31, n. 4, p. 329-342, dez. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312013000400002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000400002&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 22 out. 2020.

LEROY-GOURHAN, André. 2002 [1965]. **O Gesto e a Palavra –II –Memória e Ritmos**. Lisboa: Edições 70.

GARRABÉ, Laure - **O Estudo das Práticas Performativas na Perspectiva de uma Antropologia da Estética**. R. bras. est. pres., Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 62-92, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/presenca>>

GREUEL, Marcelo da Veiga. **Da "Teoria do Belo" à "Estética dos sentidos": reflexões sobre Platão e Friedrich Schiller**. Anuário de Literatura, Florianópolis, p. 147-155, jan. 1994. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5362>>. Acesso em: 02 out. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.